



**CHEGAMOS** a este país no Norte da África antes da revolução de 2011, ano até quando um sistema ditatorial imperava e não havia qualquer problema social detectável a olho nu. Somente sob a direção de Deus e através de muita oração foi que descobrimos um país totalmente diferente de tudo que podíamos imaginar.

Além da grande disparidade entre ricos e pobres, uma pesquisa de 2013 revelou que 93,2% das crianças com idade entre 2 e 14 anos sofrem vários tipos de violência, inclusive física, e que a mortalidade infantil é duas vezes maior nas áreas rurais do que nas zonas urbanas. Aqui também acontecem 1.600 nascimentos de crianças fora do casamento a cada ano.

No entanto, desde os primeiros protestos, no fim de 2010, temos experimentado até hoje uma realidade totalmente diferente. As manifestações estão em todo o país, mas isso não significa que muitas coisas mudaram. A luta pela sobrevivência continua a mesma, assim como a busca por trabalho e segurança.

Apesar do cunho social da revolução, a instabilidade política, econômica e social não trouxe verdadeira mudança para as classes trabalhadoras. A mudança de poder político e o domínio de um partido religioso por quase três anos causam mais medo e incertezas do que benefícios para a população. Muito pouco foi feito para resolver os problemas.

Estamos inseridas em um contexto muito adverso, onde 99% da população é islâmica, com percentual de evangélicos de apenas 0,02% e onde a pregação (proselitismo) é proibida. Após anos de luta, a nova Constituição manteve a liberdade de escolha, e uma pessoa pode pertencer a outra religião que não a majoritária, porém sempre existe a possibilidade de discriminação e, em alguns casos, até perseguição.

Para que possamos testemunhar, começamos com amizades, até que possamos nos sentir seguras para falar abertamente ou mesmo dar uma Bíblia de presente a alguém. Mas isso é um trabalho árduo e demanda muito tempo. Nosso primeiro fruto veio depois de quatro anos!

Quando chegamos aqui, nos deparamos com a realidade das mães solteiras e seus bebês, e sempre tivemos em

// ACEITAMOS O DESAFIO  
DE PREGAR AS BOAS NOVAS,  
RESTAURAR OS CONTRITOS,  
PROCLAMAR LIBERDADE AOS CATIVOS  
E ABERTURA DE PRISÃO ÀQUELES  
QUE ESTÃO LONGE DO MESTRE.



nosso coração ajudá-las, pois a situação delas era sempre algo que nos incomodava e entristecia. Por isso, trabalhamos em associações locais, mesmo com toda a limitação que isso acarretava, pois sabíamos que era a porta que o Senhor tinha aberto naquele momento, mas em nosso coração sempre tivemos o desejo de termos nossa própria associação para desenvolver o projeto Rahma, que significa "misericórdia", mas naquele contexto era impossível.

Com todas as mudanças no país e depois de muita oração, finalmente abrimos em 2012 a Associação Nova Vida, que tem como objetivo atender mães solteiras, mulheres em situação precária ou desfavorecidas para que elas possam ter condições de se sustentar e melhorar sua condição de vida. Através do ensino de artesanato, culinária, informática, corte e costura, entre outras atividades, buscamos dar a elas uma oportunidade de desenvolver alguma habilidade e, assim, gerar um meio de sobrevivência para a família. Também ajudamos creches e jardins de infância e damos assistência prisional, ministrando cursos de artesanato para as presas, para que tenham oportunidade de mudança de vida e inserção social.

Quando Jesus aplicou a si mesmo o texto de Isaías 61.1-2, revelando que ele era o Messias prometido e que se Ele fazia, nós deveríamos fazer o mesmo, aceitamos o desafio de pregar as boas novas, restaurar os contritos, proclamar liberdade aos cativos e abertura de prisão àqueles que estão longe do Mestre, e principalmente anunciar que este é o ano aceitável do Senhor. ■

**PAULA E DÉBORA DE OLIVEIRA**  
MISSIONÁRIAS DA JMM NO NORTE DA ÁFRICA